

Contribuição para o Rimanceiro Mirandês

POR

P.^o António Mourinho

(Pároco de Duas Igrejas — (Miranda do Douro)
da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
e da Sociedade de Antropologia y Folklore de Madrid)

Há mais de trinta anos que me venho interessando por tudo o que respeita ao cancionero mirandês, e sempre que se me depara ocasião, tenho recolhido quanto respeite a literatura popular, numa região em que nos aparece poesia do povo, por surpreendente que seja, em três línguas diferentes: português, mirandês e castelhano.

Trago para este número comemorativo do cinquentenário da fundação da Sociedade de Antropologia e Etnologia a que me honro pertencer, uma dúzia de rimances recolhidos todos na actualidade da tradição oral, falada e cantada, exemplares que me parecem bastante característicos para se avaliar um pouco a riqueza espiritual da gente mirandesa.

Seria meu desejo trazer para este número outro assunto, mas as circunstâncias físicas não mo permitiram, assim como gostaria que esta colectânea fosse maior.

Espero um dia, poder publicar o Rimanceiro Mirandês, cuja novidade e tipismo se pode avaliar pelos últimos exemplares desta primeira fornada.

Mas será quando Deus quiser, pois dada a cópia de materiais que já levo recolhidos, penso corresponder ao voto que o eminente e saudoso D. Ramom Mendez Pidal exarou na dedicatória de um exemplar do seu «Flor Nueva de Rimances Viejos», que ofereceu em 1964 na sua casa da «Cuesta del Zarzal» em Chamartim, ao «futuro editor de um Rimancero Mirandês».

Os rimances que se seguem foram recolhidos apenas em quatro povoações mirandesas; S. Pedro da Silva, Duas Igrejas, Malhadas e Constantim. Divido-os em dois grupos — Rimances recitados e Rimances cantados.

Os primeiros sete foram transmitidos pela Sr.^a Mariana da Piedade Esteves, de S. Pedro da Silva, que conta actualmente 86 anos e uma memória e presença de espirito espantosas. O VIII, vê-se bem que é de natureza religiosa e foi-me recitado por uma menina de 11 anos, Benilde da Conceição Sebastião, natural da povoação mirandesa de Malhadas.

Os restantes, que são cantados, levam notas apenas. Não me é possível transcrever aqui as respectivas músicas por absoluta impossibilidade física.

I

JÁ LÁ BAIXO VEM O SOL — O *Conde de Alemanha*

*Já lá baixo bem o sol,
 Já lá bem o claro dia,
 Quando o Conde de Alemanha,
 Com a rainha dormia.
 E nem o sabia o rei
 Nem quantos na corte habia,
 Sabia-o D. Silbana,
 Filha da mesma rainha.
 As mangas do meu bestido — não as chegue eu a romper
 Se em meu pai bindo da missa — não lo for logo a dizer
 — Cala-te lá ó Silbana (era a filha)
 Cala-te lá ó Silbana — Que eu te darei um bestido!
 — Eu não quero o seu bestido — nem de seda nem de damasco:
 Que inda tenho a meu pai bibo — já me q'ria dar padraço.
 — Bem bindo sejais, meu pai — boa seja a bossa binda,
 Quero-le contar um causo — que é causo de maravilha.
 Stando eu à minha porta — dobando seda amarela,
 Beio o Conde da Alemanha — 3 fios me tirou dela.
 — Cala-te lá ó Silbana — que é porque queria brincar,*

*Malo hajam os seus brincos — malo haja o seu brincar,
 Agarrou-me pela mão — e à cama me foi lebar.
 — Cala-te lá ó Silbana — que eu o mandarei matar,
 Lá pelas duas da tarde — tocaram a degolar.
 Malo hajas tu Silbana — e mais o leite que mamaste,
 Que a morte deste Conde — Silbana, tu a causaste.
 Cale-se lá minha mãe — bem se pudera calar,
 Que a morte deste Conde — deve boicê acompanhar.
 Já lá baixo bem o sol, — Já lá bem o claro dia...*

II

'STANDO EU À MINHA PORTA — (*mulher pretendida*)

*'Stando eu à minha porta, — a ãa raça de sol
 Bira bir um cabalheiro — cū cabalho corredor.*

(Esta era um pai que casou ãa filha e ela não gostava dele.
 Mas para fazer buntades...)

*Preguntou-me se era casada — casadinha sou senhor,
 Foi o ladrão do meu pai — que me casou cū pastor...
 Tinha as costelas cobradas de mudar os cancelões,
 E tinha as pernas mui tortas — de passar os barrancões,
 E tinha os beiços mui grossos de comer os recostrões...
 E a maior falta que tinha — nū tinha pixa nem culhões!...*

III

NO ALTO DAQUELA SERRA

*No alto daquela serra — mora um rico labrador
 Tem uma filha mui linda — que é como os raios do sol...
 Namorou-se ã cura dela — de ã cura se namorou
 Sete anos andou com ela — sete anos com ela andou...
 Ao fim dos sete anos — a dizer missa madrugada*

*Baixou um anjo do céu — e no altar se le assentou
 Tir-te daí sacerdote — tir-te daí pecador
 Que já sete anos e mais um dia — que andas co a filha do labrador
 Agora bai pra o inferno! — q'assi o manda o Senhor.*

IV

BOZES DABA O MARINHEIRO!...

*Bozes daba o marinheiro — bozes dá que se afoçaba...
 Respondeu ù mau demónio — do outro lado da auga...
 Quanto deras marinheiro — a quem de l'auga te sacara?...
 — Dera-te o meu nabio — cargado de ouro e de prata.
 Eu não quero o teu nabio — nem teu ouro nem tua prata...
 Só quero que em te morrendo. — me deixes a tua alma.
 (— Este é o demónio...)
 — Me deixes a tua alma.
 A minha alma não ta deixo — que para Deus foi criada
 As tripas são para os cegos — para cordas de guitarra.
 A cabeça para as formigas — que nela façam morada.
 ...Bozes daba o marinheiro — e bozes dá que se afoçaba.*

V

A FORTUNA DA DONZELA

*A fortuna da donzela — oh meu Deus quem na tibera?!...
 Um rosário que ela tinha — tres bezes no dia o reza.
 Ûa era pela manhã — outra era ao meio dia,
 Outra era a meia noite — em mentes seu pai dormia.
 'stando a rezar o rosário — a Birgem le apar'ceria
 — Que fazes aí debota — que fazes debota minha?
 'stou a rezar o rosário — à Birgem Santa Maria
 — Reza-o bem rezadinho — que bem aceite te seria.
 Se tu queres ser casada — bô marido te eu daria.
 Se tu queres ser freira — nũ combento te meteria.*

*E se queres bir para a Glória — anda em minha companhia
— Bou pedir licença a meu pai — mas não sei se ma daria...
— A benção de Deus te cubra — que a minha já te cubria...
...E fortuna da donzela — oh meu Deus quem na tibera...*

VI

PUR AQUEILHES CAMPOS BERDES

*Pur aqueles campos berdes, — linda romeira benia...
A saia lebaba baixa — nas erbas le comprendia...
Ia um cavalheiro trás dela — alcançá-la não podia...
Agarrou-a descansando — debaixo da berde oliba...
Prencipiaram aos abraços — qual de baixo qual de riba.
A romeira como era mais fraca — sempre debaixo caía.
— Por Deus te peço cavalheiro — por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir hunrada — a essa santa romaria...
O cavalheiro como era mau — disse-le que não queria,
Puxou ela por um alfange — que o cavalheiro trazia.
Espetou-lo a um lado — e ao coração le saía...
— Por Deus te peço donzela — por Deus e Santa Maria
Que não bás dizer à tua terra — nem te bás gabar à minha
Que mataste um cavalheiro — com as armas que ele trazia.
— Hei-de dizê-lo na tua terra — e hei-de-me ir gabar à minha,
Que matei um cavalheiro — com as armas que ele trazia.
...Pur aqueles campos berdes — linda romeira benia...*

VII

CANTA MOURO, CANTA MOURO...

*Canta mouro, canta mouro — canta pela tua bida...
— respondeu ele — se eu me bisse daqui solto, — até eu
[q'el cantaria?...
Das mãos eu te soltarei — dos pés não é honra minha,
— Se eu me bisse das mãos solto — dos pés eu me soltaria.*

O mouro foi pra mourama — e a princesa com ele ia
 Lá no meio do caminho — ela le procuraria:
 — Tu lebas-me por esposa — ou lebas-me por amiga?...
 Nem te lebo por esposa — nem te lebo por amiga,
 Lebo-te por minha escraba — para toda a tua bida.
 — Oh minha Birgem da Pëinha! — Balei-me nesta agonia!...
 Hei-de-bos dar um bestido — d'ouro e de pedraria
 E tornai-me a lebar o mouro — à prisão q'êl dantes tinha.
 Inda não no tinha dito — já o mouro preso 'staria.
 Até gora comias pão — do melhor qu'el rei comia,
 E agora hás-de comer erba — da que o cabalo não queria,
 Até agora bebias binho — do melhor que el-rei bebia
 E agora hás-de beber auga — da q'o cabalo não q'ria...
 Até agora dormias em cama — da melhor que el-rei dormia
 E agora hás-de dormir — no meio da 'strebaria.
 ...E canta mouro, canta mouro — canta pela tua bida!...

VIII

RODILLA ESTÁ LA BIRGEN

Rodilla está la Birgen
 Al pie daqueilha lameda
 Passou poli (?) S. José (por ali)
 Le dijo desta manera:
 — Porque nũ cantais la branca,
 Porque nũ cantais la bela?
 — Como yo la cantarei hijo,
 Se yo estoy en tierras alhenas,
 Ñ hijo que yo tenia,
 Me lo está curceficando
 Na alta cruç de madera...
 Se bós lo quereis bajar,
 You bos direi de que manera:
 Lhamaremos a S. Juã,
 Tamien a la Madalena,
 Tamien a Santa Luzia

Que era la su companheira...
 Andaremos e apertemos
 Até chegar al Calbário
 Abeixeremos ũas scaderas
 Todas de sangue são chenas.
 El que pur eilhas passar,
 Dirá: neilhas morriu Cristo, (?...)
 ?...Alhá riba ben S. Juã
 Cũ ũ pandõu colorado...
 No meio daquél pandõu,
 Bén ũ molimento armado,
 No meio del molimento
 Bén ũ Cordeiro sagrado
 Al sangue que dél cair
 Lo alcança consagrado ⁽¹⁾,
 L'home que dél beber,
 Será biẽ afortunado:
 Neste mundo será rei,
 No outro rei coronado.
 Quiẽ la sabe nũ la diç
 Quiẽ l'cube nũ la daprende
 A la hora de la morte,
 Cristo que le responda.

IX

RIMANCES CANTADOS

CHIN GLIN DIN

(Este rimance interessantíssimo e cheio de vigor na sua melodia, é cantado em letra raiana e mirandesa de sabor bem castelhano, pertence ao grupo de rimances sobre a mulher infiel ao marido e, como diria o Mestre D. Ramon Menendez Pidal, é um rimance VILANESCO.

(1) Numa versão de S. Martinho de Augueira vem «Cae nũ cálice sagrado».

As mulheres de Duas Igrejas, onde foi recolhido pelo autor, em 1962 (cantam-no nos serões à lareira e nas ceifas, nos fiadouros e nas mondas.)

*Indo you pa la mi 'rada,
 Ai trás de las mies chabacas,
 Con el chin, glin dín, glin din glin,
 Con el chin, glin din, glin daba,
 Con el chin, glin din, glin din glin,
 Se me olvidou la guilhada...
 Oulhei para trás e bi,
 Staba la porta fechada...
 Con el chin, glin din...*

*Que 'stás haciendo mujer,
 Que stabas tã acupada,...
 — Staba metendo e sacando
 Los panhos de la culada...*

*I you culs mius olhos guichos
 Toda la casa remiraba,
 Que es aquilho mujer
 Que 'stá debaixo de la nuestra cama?...
 — Es el gato del cumbento
 Que bino pa la nuestra gata!...
 — Trai-me la scupeta mujer
 Que heid'l dar ùa scopetada.
 — Nũ haças isso marido
 Que desconjuntas la cama.*

*— Quiẽ te agarra mujer
 Naqueilha sierra granada,
 Ai cũ tres carros de lheinha,
 I outros tres de retrama.
 I ù airico castelhano
 Q'atçasse biẽ la chama!...
 Cũ as tanazes de tres ganchos
 Para rebirar las brasas.*

— *Quiẽ te agarrara marido*
No meio daqueilha sala
Cu las piernas amarielhas
I la cor demudada

I ls Claristas a la puesta,
Salga, miu marido salga!...
Niẽ que yõu baia por trás
Lhorando de mala gana...

X

LA LHOBA PARDA

Rimance pastoril (Vilanesco)

Recolhido em Duas Igrejas, no Inverno de 1965, em casa do autor. Cantou Emerência Rodrigues, casada de 32 anos de idade, natural da Quinta de Cordeiro e residente em Duas Igrejas. Diz tê-lo aprendido na sua mocidade, quando guardava as vacas ou o gado e que lho ensinou o tio José Balbino, da mesma Quinta, que morreu há mais de 15 anos, e que o P.^e Mourinho ainda conheceu muito bem, e era natural de Malhadas.

Vê-se bem pelo contexto que este rimance veio de Espanha, certamente comunicado por pastores, uns aos outros.

D. Ramon Menendez Pidal, em «Flor Nueva de Rimances Viejos». Madrid, 1959, pág. 303, transcreve uma versão deste rimance, muito parecida com esta e dá-lhe como origem o nascimento entre los zagales de Extremadura, págs. 304-305 e «donde és mui cantado hoy al son del rabel, sobretudo em Noche Buena. Los pastores transmontanos lo propagaron por ambas Castilhas e por Leon: Lo oi cantar ánta las montañas de Riaño, lindando com Astúrias, esto és, en el punto en que termina la cañada leonesa de la trashumancia».

Correm várias versões deste rimance pela Terra de Miranda, onde é tocado pela gaita de fole e dançado no terreiro das aldeias, em dias de festa, com o nome de BICHA :

Igualmente o toca o pastor na sua flauta, através das touças mirandesas e nas arribas do Douro.

*Indo yōu la sierra arriba,
Delantre de mie piara,
Repicando no caldeiro,
Remendendo mie çamarra.*

*Bi assomar ũa lhoba
Eilha mais lhieba que parda,
Me quitou ũa cordera,
La mejor de la piara.
Me quitou ũa cordera,
La mejor de la piara.*

*Hija dũa oubeja branca,
Nieta dũa obeja negra,
Hija del mejor marõũ
Que se passeia na serra,
Hija del mejor marõũ,
Que se passeia na serra.*

*Arriba siete cachorros,
Abajo perra Godiana!...
Se m'agarrareis la lhoba,
La cena la tienes ganha,
I se nũ me la agarrais,
Cu la caiata lhebais.*

*Andubirũ siete léguas,
Todas siete por arada,
Al fim de las siete léguas,
Yá la lhoba iba cansada.
Yá lo cachorro mais nobo,
Yá la agarra pu la oreja...*

*Toma cachorro la cordera,
Lhiba-la pa la piara,
Nũ te quiero la cordera,
Q'la tenes toda pelada,
Só te quiero la çamarra,
Para fazer ùa albarda.*

*El rabo para correias,
Para atacarmos las bragas;
De la cabeça ù cerrõ
Para meter las cucharas,
Las tripas para biolas,
Para beilaren las damas.*

*Por Diós te pido pastor,
Pür Diós i pu la tu alma,
Que chames tous siete perros,
Yá me bou pa las muntanhas!...
Direi alas mius cumpanheiros,
Siete perros cum'els tous,
Nũ los ten el Rei de Spanha!...*

XI

D. FERNANDO (1)

*Nos tempos da primabera,
Soldadinhos bõo à guerra;
Todos cantam, todos beilam,
D. Fernando não se alegra.*

*Tu que tens ó D. Fernando,
Que tão triste andas na Guerra,
Ou te lembra pai ou mãe,
Ou gente da tua terra.*

(1) Entre as versões de *D. Fernando* conhecidas no Nordeste de Portugal, região de Vinhais e de Vimioso, é esta a mais completa. Atente-se no dramatismo do enredo e no arcaísmo da expressão da cantadeira, de Constantim.

*Não me lembra pai nem mãe,
Nem gente da minha terra;
Lembra-me da minha amada,
Q' deixei quando bim pra guerra.*

*S' te lembra da tua amada,
'garr'o cabalo e bai a bê-la;
Ao cabo de sete anos,
D. Fernando bolta à guerra.*

*E no meio do caminho,
O demónio le saiu;
O cabalo se espantou,
D. Fernando se temiu.*

*Onde bais ó D. Fernando,
Onde bais triste de ti?
Bou a ber a minha amada
Já dias que a não bi.*

*Tua amada já é morta,
É morta que eu bem a bi,
—Di-me o traço que lebaba,
Para m'eu fíntar em ti.*

*— Lebaba saia de seda,
Casaco de carmesim,
O cabelo entrançado,
Já ela o pediu assim.*

*Logo ali mais adiante,
Uma pomba le saiu,
O cabalo se espantou,
D. Fernando se temiu.*

*Não temas ó D. Fernando,
Não te temas tu de mim,
Eu já fui a tua amada,
Que algum tempo te serbi.*

*Se tu és a minha amada,
Porque não me falas, dí?!...
Boca com que te falaba,
Já não a trago aqui.*

*Se tu és a minha amada,
Porque não m'abraças, dí?!...
Braços com que te abraçaba,
Já na terra os estendi.*

*Se tu és a minha amada,
Porque não me beijas, dí?!...
— Boca com que te beijaba,
Já na terra la meti.*

*— Benderei o meu cabalo,
E me benderei a mim;
Para te dizer de missas,
Tudo por alma de ti.*

*— Nem bendas o teu cabalo,
Nem te bendas tu a ti,
E quanto mais bem me faças,
Mais penas me dás a mim.*

*Se algum dia tiberes filhas
Não as tires d'ao pé de ti,
Que não se perdam por homens
Como eu me perdi por ti.*

*Se algum dia tiberes mulher,
Não a chames como a mim,
Quando chamares por ela
Que não se lembre de mim.*

*Deixei as portas do céu abertas,
Se se fecham, ai de mim!...*

.....

XII

EL OCHABO

Este rimance encadeado, todo em rima e tem um sentido moralizador do caminho desta vida ou do destino que se estimava tivesse o dinheiro antigamente. Foi recolhido em Constantim, Miranda do Douro, em 7/5/69, da boca do Senhor Lázaro Ribeiro, de oitenta e oito anos de idade.

*Encontrei um arriero
Que me dio um ochabo
I lo meti em el seno*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero.
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Con aquel ochabo
Que meti al seno;
Comprei una pita
Me puso dos huebos.*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Com aquella pita
Y aquelles dos huebos,
Comprei una obeja
Me pariu um cordero.*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Com aquella obeja
Y aquel cordero,
Comprei una baca,
Me pario um becerro...*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Com aquella baca
Y aquel becerro!
Comprei um cavallo,
Con su silla e freno...*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Con aquel cavallo
I su silla i freno,
Comprei una acenha,
Con su acenhero.*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Con aquella acenha
I su acenhero,
Comprei una cabriada,
Con su cabrero.*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Con aquella cabriada
I con su cabrero,
Me dieron un ochabo,
Lo meti en el seno...*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero,
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

*Y aquel ochavo
Que meti al seno,
Lo dei a las almas
Y ganhei el cielol!...*

*Que rico dinerito,
Que rico dinero!
Que rico dinerito,
Me dio el arriero!...*

XIII

EU CASEI-ME C'Û PASTOR

*Eu casei-me cū pastor,
Eu casei-me cū pastor,
Pensando de ser sinhora,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*S'outor die pela manhana,
S'outor die pela manhana,
Pega no cerrõũ pastora,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Lá no meio del camino,
Lá no meio del camino,
La caiata le cortó,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Al chegar al malhadal,
Al chegar al malhadal,
Sopas de sebo me dou,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Los corderos eran tantos,
Los corderos eran tantos,
Que nũ teniẽ cuntador,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Las obejas muitas mais,
Las obejas muitas mais,
Q'até nubraban el sol,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Biu benir ã cavalhero,
Biu benir ã cavalhero,
Cũ sou cavallo andador,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Primera cosa que l dixo,
Primera cosa que l dixo,
De namoro le falou
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten ũa falta,
Tou pastor ten ũa falta,
Que tú nũ lasabes nó,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten los olhos regalados,
Ten los olhos regalados,
De olhar pals raios del sol,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios, cavalhero,
Bai-te cũ Dios, cavalhero,
Yõũ só quiero l miu pastor.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,
Tou pastor ten outra falta,
Que tu nũ la sabes nó,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Yá tien los dientes negros,
Yá tien los dientes negros,
De morder nos recostrones,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,
Bai-te cũ Dios cavalhero,
Yõũ só quiero l miu pastor.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,
Tou pastor ten outra falta,
Que tu nũ la sabes nõ,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten los ombros derreados,
Ten los ombros derreados,
D' la correia del cerrõũ.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,
Bai-te cũ Dios cavalhero,
Yõũ só quiero l miu pastor.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,
Tou pastor ten outra falta,
Que tu nũ la sabes nõ,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten lo spinaço cobrado,
Ten lo spinaço cobrado,
De mudar las canhiçonas.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,
Bai-te cũ Dios cavalhero,
Yõũ só quiero l miu pastor.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,
Tou pastor ten outra falta,
Que tu nũ la sabes nó,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten las costilhas afundidas,
Ten las costilhas afundidas,
De matar los formigones.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cabalhero,
Bai-te cũ Dios cabalhero,
Yõu só quiero l miu pastor.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,
Tou pastor ten outra falta,
Que tu nũ la sabes nó,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

*Yá tiene las piernas tortas,
Yá tiene las piernas tortas,
De chancar los barrancones.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cabalhero,
Bai-te cũ Dios cabalhero,
Yõu só quiero l miu pastor.
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.*

— *La maior falta q'él tén,*
La maior falta q'él tén (...)
 (...) — *La correia del cerröü...!!!!!!*
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.

Anda cá, palomba branca,
Anda cá, palomba branca,
Anda cá mie branca ãlor,
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.

Formaremos un palácio,
Formaremos un palácio,
Cũ bentanas al redor!...
Oh terrin de rin de rina,
Oh terrin de rin de ró.

CONCLUSÕES

Entre estes exemplares, achamos rimances vulgares, com versões mais ou menos iguais em Trás-os-Montes e noutras regiões do País, como pode ver-se através do «Rimanceiro Geral» de Teófilo Braga e do vastíssimo Rimanceiro recolhido por Leite de Vasconcelos, assim como nas versões trasmontanas do Abade de Baçal e do P.^o Firmino Martins.

Mas há versões aqui, como o *Chinglindim*, a *Lhoba Parda* e o *Ochavo*, que parece não terem paralelo no rimanceiro português. Menendez Pidal chama-lhes «*rimances villanescos*»; porque só tratam assuntos de vilãos; pastores, lavradores e outros mesteres de gente humilde. Ao último «*Eu casei-me cū pastor*», poderíamos chamar-lhe também vilanesco, apesar de, na sua rudeza de expressão, nos apresentar também um cavaleiro pretendente. Mas, quer sejam vilanescos, quer ligados a feições de gesta cavalleiresca, avultam neles circunstâncias que manifestam bem a sua antiguidade, quer na repetição dos estribilhos, próximos dos *cossantes* em canções

encadeadas dos séculos XIII e XIV, quer através de outros factos de que apontamos apenas alguns:

1.^o — A romeira do n.^o VI, que pede ao cavaleiro,

*«...por Deus e Santa Maria
que a deixe ir honrada
a essa santa romaria»...*

Através de uma versão do mesmo rimance, publicada no «Rimanceiro Português» de Leite de Vasconcelos, era romeira peregrina de Santiago. Estaríamos pois em face de um rimance jacobeu, e eu não sei se alguém se lembrou já de recolher a literatura popular referente às peregrinações a Santiago, que nos daria preciosas luzes sobre este transcendente movimento medieval.

2.^o — No rimance IX, «*D. Fernando*», cujo dramatismo é palpável, no diálogo entre o cavaleiro e a alma da amada, parece haver uma alusão clara à escravatura, quando D. Fernando diz:

*«Venderei o meu cavallo
— E me venderei a mim. —
Para te dizer de missas,
Tudo por alma de ti.»*

3.^o — No XII, «*El Ochavo*», há também alusão bem clara à coexistência de servos da gleba, os quais, fossem moleiros, ou cabreiros, como aí se apontam, quando era vendida a propriedade, a azenha e a *cabrada* no nosso caso, eram com ela objecto do mesmo contrato.

*«Cũ aquel cavallo
I su silla é freno
Cũprei uma acenha
— Cũ su acenhero. —*

*Cũ aqueilha cenha
I su acenhero
Cũprei una cabriada
— Cũ su cabrero»... —*

Num pergaminho de venda de parte da povoação de Angueira — Miranda — aos frades de Santa Maria de Morerueta, D. Sancha Teles vende-lhes toda a propriedade «cum molinis et molendinariis», com os moinhos e seus moleiros. Isto em meados do século XIII.

4.º — Referirei ainda um outro facto que me parece avultar também do rimance falado VIII — «Rodilla está la Birgen», misto de mirandês e de castelhano e certamente de origem castelhana. Ao descrever-nos com certo aparato a vinda de S. João com um pendão *colorado*, verificamos uma profunda alusão ao sangue de Cristo, derramado na Cruz, Sangue do Cordeiro. Mas uma outra versão deste rimance, recolhida em S. Martinho de Angueira — Miranda, diz-nos que o Sangue do Cordeiro «cai nũ cálice consagrado».

*L'home que dél bebir
Será biẽ afertunado
Neste mundo será rei
No outro, rei coronado.*

Não haverá aqui uma alusão ao *Santo Graal*, gesta que encheu a Idade Média?

O bom amigo Sr. Prof. Lindley Sintra, que em 1967 esteve em Duas Igrejas, freguesia de Miranda do Douro, ali achou reminiscências deste Santo Graal. Na solene função religiosa dos Passos, desta minha paróquia, existe a tradição ininterrupta, durante o Sermão do Calvário, de dois anjos subirem por uma escada à Cruz, em tamanho natural, e fazerem menção de recolher o Sangue das mãos cravadas e do lado aberto no corpo de Cristo. Levam o cálice com todo o cuidado pela igreja abaixo, através da multidão, ao pregador que está no púlpito.

5.º — De qualquer maneira estamos em presença de elementos literários que apontam factos de projecções históricas variadas, numa região que foi caminho de Santiago e que, além disso, foi percorrida por jograis em plena Idade Média, nos séculos XIII e XIV, como poderei demonstrar com documentos coevos passados em Santa Maria de Morerueta, em Miranda e em Bragança, cujas testemunhas se identificam pelas profissões expressas, e nelas avultam também

as de jogral. Estamos pois em face de simples textos de literatura popular que parecendo à primeira vista nada nos dizerem, ajudam a definir e a caracterizar a alma popular de uma região, no espaço e no tempo.

NOTA FINAL

(significado de algumas palavras do dialecto mirandês)

<i>cajata</i>	— cajata, lengala
<i>çamarra</i>	— pele
<i>chabacas</i>	— hipocorístico de vaca
<i>cocharas</i>	— colheres de pau dos pastores
<i>airico</i>	— vento fino
<i>guichos</i>	— vivos, bem abertos
<i>maroũ</i>	— o carneiro mestre do rebanho, reprodutor
<i>molimento</i>	— monumento
<i>lhieba</i>	— leva
<i>ochavo</i>	— significa oitavo, neste caso oitavo de moeda; daí o nosso chavo
<i>piara</i>	— rebanho
<i>retrama</i>	— carqueja.